

# NORETTA, NORINA, NORUCCIA: SIMPLEMENTE NORA

Albérís Eron Flávio de Oliveira

Ulisses é um livro sentimental, nós sabemos. Que é erudito, também. Que ele é elementar e elevado ao mesmo tempo, também sabemos.

Eu acho, preciso dizer, que o grande desejo de Odisseu quando deixou Troia era chegar em casa. Sim, ele estava inflamado de desejo, depois de 10 anos longe de casa, para reencontrar sua esposa.

No caminho de volta, contudo, sabemos que ele ainda teve de vencer monstros, derrotar feitiços, ultrapassar vilões. Odisseu precisou enfrentar tempestades e sobreviveu a naufrágios. Mas, o desejo de ver Molly, digo, Penélope, era maior do que tudo.

Muitas adversidades.

Desculpe. Estou querendo falar mesmo é sobre Ulisses, de Joyce. É que de tanto ler e reler Ulisses e A Odisseia, às vezes não sei se estou lendo um ou o outro. Afinal, as narrativas são parecidíssimas.

Agora, estamos em Dublin e o ano já é 1904.



Joyce, assim como Homero, talvez, tenha criado o ser humano mais completo de toda a literatura. Odisseu, digo, Bloom. Você me entende.

Porque, como você sabe, Leopold Bloom é ao mesmo tempo amigo, pai, marido, amante, trabalhador, cidadão, pensador, gentil, experiente, curioso, pai, entre tantos outros vocativos. Como o herói homérico, Bloom também se opunha a todo tipo de guerra.

Mas, Bloom também tinha muitos adversários em Dublin.

Embora não declarado no sentido tradicional, Bloom era – e é – alvo de uma incompreensível hostilidade por onde passava – talvez algo mais sutil e, ao mesmo tempo, mais pesado.

Explico.

Em Dublin, Bloom é sempre visto como o “outro” ou o diferente quando está com seus amigos. Podemos falar de um possível antissemitismo enraizado no inconsciente coletivo da cidade. Podemos? Eu creio que sim.

Como sabemos, Bloom era judeu. E ele sofria por isso.

Sobre isso, basta lembrarmos daquele pseudonacionalista que o atacou verbalmente naquele bar e de forma agressiva no episódio 12. É de intolerância que estamos falando.

Alguém pode dizer que Bloom também é alvo de zombaria, porquanto não é exatamente respeitado como cidadão. Pelo comportamento dos que o cercam, ele parece ser apenas tolerado pelos que moram na cidade. Não sem sentido, sempre que lemos

Ulisses percebemos o quão, também, isolado ele é. Parece que há uma atmosfera de isolamento que o cerca por onde ele anda.

Paciência. É como vejo. Alguém aqui pode discordar.

De fato, o adversário que Bloom tem de enfrentar todos os dias é a própria cidade. E é a maneira como a cidade parece ignorá-lo que mais nos permite afirmar o que acabamos de afirmar – entenda-se cidade, como as pessoas da cidade.

Mas, ele vai vivendo. Sim ou não?

Então, há quem diga que em Ulisses, contudo, Bloom não tem inimigos no sentido épico – como Odisseu tinha. Mas, é verdade que ele sobrevive todos os dias, ainda que cercado por pequenas forças de exclusão e de preconceito.

Fato.

Se pensarmos assim, podemos dizer que o seu conflito é menos social e mais interno, portanto, mais moderno. Nos dias de hoje também é assim. Há muita exclusão e gente invisibilizada. Sobre Bloom, não chega a ser um conflito de caráter heroico, alguém já me disse isso. Nesse ponto eu não concordo. Acho Bloom um herói. Sobreviver naquele contexto em Dublin, como nos conta Joyce, não era fácil. E ele consegue.

Porque eu acho que Bloom carrega o arquétipo do herói moderno, sim, aquele que enfrenta o cotidiano todos os dias. Há quem diga que ele perde muitas batalhas, entretanto. Eu, confesso, não tenho opinião tão profunda sobre isso. É só uma ideia. Só acho coisas.

Sei que no fundo no fundo, ele quer voltar para casa depois de um dia pesado de trabalho – como todo trabalhador, eu acrescentaria.

Eu já ouvi colegas dizendo que Bloom pode ser considerado um herói simplesmente porque sua grandeza não está em feitos grandiosos, mas na sua capacidade de manter a sua humanidade em meio a um mundo hostil. E isso é heroísmo?

Sei que isso é interessante.

Já ouvi colegas também dizer que Bloom responde ao preconceito, à solidão e até à humilhação com empatia, com tolerância e com autocontrole. Lendo, eu confesso, dá para perceber isso. É verdade. Não sei por quanto tempo ele deve aguentar – mas já está com 38 anos de idade nessa narrativa.

De qualquer maneira, o que acho é que ele, realmente, parece passar por todas as batalhas de modo silencioso – ou por quase todas as batalhas, é bom destacar.

Uma coisa que vejo é que ele escolhe não odiar, não retaliar, e ainda continua a agir com gentileza. Talvez seja isso o que dizem dele: Bloom transforma sua vida comum em uma forma profunda e moderna de ser, inclusive emocionalmente falando – vi que isso tá na moda.

Mas, ainda tem uma coisa.

Em Dublin, tem algo que realmente o tira do sério – ou tenta. Há um adversário que o incomoda muito, muito mais do que toda a cidade de Dublin. E você sabe quem é.

Isso mesmo: Blazes Boylan, um agente e empresário de espetáculos em Dublin.

O problema é que Boylan, espero que concorde comigo, não é um inimigo declarado, mas é, também, o agente e produtor da esposa de Bloom, Molly, e, pelo que podemos ler no romance, ele também é o seu potencial amante. E é isso que o perturba – me refiro a Bloom, agora – e o coloca numa posição de uma constante desconfiança, sendo essa silenciosa e, ao mesmo tempo, dolorosa.

Acontece que no enredo de Ulisses não há um confronto direto entre os dois. Embora morem na mesma cidade e tenham relações com a mesma mulher, eles não se conversam – até se encontram em um bar em um Hotel em Dublin.

Nada demais. Mas, agora vem um dado interessante que alguém me disse ou que eu li em algum lugar. Não me lembro exatamente.

Me disseram – desculpem a próclise logo no começo desse parágrafo – que Joyce, antes de casar com Nora, também soube que um tal Vincent Cosgrave a havia assediado. Contudo, parece, não é possível provar. Até hoje não se sabe se ele chegou a namorá-la. O fato é que Joyce passou um bom tempo chateado com essa ideia.

Agora estou falando da vida real.

Isso aconteceu em Dublin, no início dos anos 1900. O dado é que Joyce se encontrou com Vincent um belo dia. O problema era que sempre que o encontrava, Vincent Cosgrave perguntava sobre Nora, a sua esposa. E Vincent ainda a elogiava. Ele sempre lhe falava de

como ela era especial. Vincent ainda afirmava que Joyce havia sido um sortudo de ter se casado com tão maravilhosa mulher.

Aquilo também incomodava Joyce sobremaneira. Somente porque Vincent conheceu Nora antes dele.

Estou falando de ciúmes.

Sim, Joyce amava Nora. Eu digo que logo no começo do casamento, segundo inferi de seus biógrafos, Joyce morria de ciúmes dela. Nas cartas que ele a enviava, ele a tratava, muitas vezes, de Nora, Norina, Noretta, Noruccia, entre outros nomes. Era uma forma carinhosa de chamá-la.

Joyce era completamente apaixonado por ela. Você já leu as cartas dele para ela? Leia e verá. No Brasil, a professora Dirce Waltrick do Amarante as traduzia. Eu as tenho em casa. Sensacional.

Pois bem.

O principal adversário na narrativa de Ulisses, então, parece, é Blazes Boylan. É ele que quer atrapalhar a relação de Bloom com Molly. E Bloom sabe muito bem disso, porque Molly recebeu uma carta de Boylan naquele mesmo dia, segundo está descrito no romance, logo cedo de manhã.

Na carta, Boylan diz que quer visitá-la para tratar de assuntos particulares, relacionados à música.

Molly era cantora.

O problema é que o grau de intimidade excessiva de Boylan, na carta, o incomoda. É verdade que Bloom não flagra nada de errado entre os dois, eu digo, o adultério efetivamente, mas ele o antecipa. E

ele sofre durante aquele dia justamente por causa dessa imaginada cena em sua mente.

Como adversário mais difícil, Bloom não consegue afastar Boylan do seu pensamento. Durante todo o dia, alguns gatilhos ainda reforçarão essa ideia. E quando ele não o vê literalmente caminhando pelas ruas de Dublin, ele ouve falar dele pelos outros. A cada momento que passa esses cruzamentos reforçam a iminência do encontro de Boylan com Molly e fazem Bloom imaginar o que está por acontecer.

Então, à medida que o horário das quatro horas e trinta minutos daquela tarde se aproxima, momento em que Boylan visitará Molly segundo descrito na carta da manhã, Bloom passa a ficar mais ansioso. Ele chega a calcular até os minutos antes da consumação do fato, digo, do encontro.

E, parece, posso dizer, que nessa batalha, Boylan será o vencedor. Contudo, eu sei que Bloom, apesar de tudo, sairá vencedor da guerra, mesmo perdendo essa batalha. E eu sei porque li o livro inteirinho de Joyce.

É que Bloom volta para casa já na madrugada do outro dia, deita e dorme, como se nada tivesse acontecido – e nem sei se aconteceu alguma coisa demais naquela tarde em sua casa quando ele estava ausente. Os indícios são fortes, é preciso dizer.

Mas, então eu pergunto: teria Bloom saído mais uma vez vencedor daquele dia ou não?

Só sei que no outro dia é Molly quem vai servir café da manhã na cama para ele. Vida que segue.

Mas, o que você acha?

ALBÉRIS ERON FLÁVIO DE OLIVEIRA é professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFRN - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do RN, mestre em literatura e doutor em Linguística pela UFRN. Autor de *Poeme-se: breves ensaios sobre poesia para todos os dias*, em 2023.